

## NO AMOR E NA BATALHA – MEMÓRIAS AFETIVAS DE MULHERES PROSTITUTAS

Érika Bezerra de Menezes Pinho<sup>1</sup>

**Resumo:** A afetividade da mulher prostituta tem sido negada ou subestimada na bibliografia sobre a prostituição. Observar as imbricações entre amor e trabalho no cotidiano da prostituta é o objetivo desta pesquisa de história oral.

**Palavras-chave:** Afetividade, Sofrimento Social, Prostituição.

**Abstract:** The affectivity of the prostitute woman has been denied or neglected on the bibliography concerning prostitution. The objective of this oral history project is to observe the overlaps between work and love at the everyday life of the prostitute.

**Keywords:** Affectivity, Social Suffering, Prostitution.

### Introdução

“Bienvenue”. A saudação de boas-vindas em francês está no alto da parede defronte à entrada do Angel Bar, inscrita em um enfeite no formato de uma bóia salva-vidas. Presente de uma ex-prostituta, em uma visita ao antigo local de trabalho. Ingrid mora atualmente na Finlândia, onde foi casar-se com um marinheiro que conheceu no Cais do Porto. A cada um ou dois anos, ela vem de férias ao Brasil com o marido, e revê as colegas da época em que ainda estava “nesta vida”. Zildinha, dona do local, fala com orgulho das lembranças expostas nas paredes do bar, presentes de amigos. Conta que “umas três meninas” já deixaram o Angel Bar e o país natal para casarem-se com marinheiros estrangeiros. “Tem menina aqui que nasce com uma estrela na testa”, diz dona Zildinha, referindo-se àquelas que conseguem bons casamentos. É motivo de festa quando alguma das “vitoriosas” retorna, sempre trazendo presentes para as amigas. “Minhas meninas são muito carinhosas comigo”, conta a Madame<sup>2</sup> do bordel.

O prostíbulo Angel Bar, nas proximidades do Cais do Porto, em Fortaleza, foi o campo de pesquisa do presente trabalho, que tem como objeto as memórias afetivas de prostitutas de baixo meretrício. Consultas à bibliografia sobre a prostituição revelam que a afetividade da mulher prostituída é ignorada ou negada, contribuindo para gerar representações sociais das prostitutas como

---

<sup>1</sup> Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará

<sup>2</sup> A dona do prostíbulo, com quem conversei várias vezes sem o uso do gravador.

algo não-humano. Entende-se que, a partir desse padrão de compreensão, se torne difícil coibir a violência e o preconceito contra as mulheres que vivem do aluguel do corpo.

Os recortes desta pesquisa começaram a se delinear durante a apuração de dados para uma reportagem, na zona de prostituição do Farol do Mucuripe, em Fortaleza, Ceará, em março de 2005. A noção de que o dinheiro rápido era a principal motivação para a entrada no meretrício foi enfraquecida nessa entrevista inicial. Contrariando as expectativas, as sete mulheres que participaram da conversa gravada nesse dia responderam em uníssono que se entrava na zona, principalmente, para “achar marido”.

Na zona de prostituição da cidade, os relatos obtidos contrariaram noções prévias e estimularam o início de uma pesquisa científica sobre um tema mais pessoal, mas tão político quanto o engajamento das prostitutas em causas sociais: o amor romântico na tradição oral da comunidade.

Para esta pesquisa, foram utilizados métodos da história oral, modalidade do fazer histórico que visa ao registro e à análise de histórias de vida, trazendo para o palco da História as realizações do cotidiano. Uma vez definido o tema, o arsenal metodológico foi delineado não de forma a seguir consagradas fórmulas de pesquisa social, mas a respeitar as peculiaridades do estudo em questão e do campo de pesquisa, um prostíbulo do Cais do Porto. A partir de visitas ao prostíbulo, foi posto em prática o método de observação participante, que conjuga a captação do discurso dos entrevistados com a observação de seu cotidiano. A teoria da ação serviu de complementação à observação participante, oferecendo métodos para a comparação de discurso e prática. A escolha do método citado se justifica na medida em que:

abre possibilidades para a análise da cultura enquanto processo. Pode, provavelmente, favorecer a operacionalização de pesquisas que têm por premissa entender como conjuntos de significados são transmitidos e desenvolvidos e como a ação humana é mediada por um projeto cultural no contexto das complexidades dos processos sociais (Feldman-Bianco, 1987: p. 87).

Foram analisados, nesta pesquisa, os registros de quatro entrevistas, de duração aproximada de uma hora cada, com as três personagens centrais do estudo: Yara, Lorena e Dorinha, mulheres entre 21 e 29 anos que praticam o meretrício no Cais do Porto, em Fortaleza. O tema das entrevistas foi o cotidiano na zona de prostituição e as histórias de amor vividas com clientes.

O trabalho também consultou entrevistas publicadas em jornais, fontes oficiais e textos jurídicos. Além das histórias orais de vida, somam-se ao material empírico dessa pesquisa entrevistas feitas pela pesquisadora com autoridades de outros países e com participantes do movimento associativo da categoria.

## Desenvolvimento

Pesquisando a zona de prostituição do Farol do Mucuripe no início da década de 80, Anjos Júnior definiu a ausência de amor como característica do ato prostituinte. Para o autor, o aluguel do corpo é a condição básica da prostituição, de que derivam os jogos sexuais e a ausência de amor (Anjos Júnior, 1983: p. 11). Dados qualitativos obtidos nesta pesquisa permitem afirmar que a regra descrita por Anjos Júnior raramente é cumprida. Quando o amor romântico se instala na relação entre cliente e prostituta, é rompido um interdito e criado um profundo constrangimento para a prostituta apaixonada. A humilhação vivida é ocasionada por três diferentes contingências: o fato de ser a mulher pobre que deseja alguém cuja situação financeira é estável, de amar de forma não-correspondida e de ser uma prostituta apaixonada.

Na zona de baixo meretrício, os relatos sobre amor romântico são transmitidos e retransmitidos, como exortações às prostitutas jovens, para que não misturem amor e trabalho.

Para Lorena, “tem muita menina que entra nessa vida pra arranjar um bom casamento e sair da vida”. As *vitoriosas* seriam aquelas que conseguem um marido que lhes proporcione o mesmo padrão de consumo que tinham enquanto prostitutas.

Mas... Comigo eu acho que não aconteceu; pode acontecer, não sei. Pode acontecer com... É o tipo da coisa, se você entra numa coisa pra tu conseguir, tu consegue, mas eu não entrei com esse objetivo. Entendeu? Eu entrei pra sobreviver. Foi pra minha sobrevivência, não pensei em arranjar casamento, não. Tem muita menina que entra na zona pra tirar vantagem, arranjar um bom casamento, arranjar um futuro bom... (Lorena, 5.9.2005).

Nas conversas informais no Angel Bar, as prostitutas se referiam com frequência a meninas que teriam começado a se prostituir motivadas pela oferta de clientes – maridos em potencial. A possibilidade de conhecer muitos homens de várias nacionalidades representa, para algumas, a chance de

encontrar um marido estrangeiro e construir, para si mesmas, uma nova identidade internacional. Nenhuma daquelas que colaboraram informalmente para essa pesquisa, entretanto, chegou a dizer que encontrar um marido fosse a sua motivação individual.

Para mulheres da zona do Farol do Mucuripe, os homens “de terra” devem ser evitados, pois constituir uma família com um rapaz do bairro poderia “arrastá-las” para um futuro sem perspectivas de ascensão social.

Ah, minha filha, Deus me livre! Não! Os que vivem aqui não servem pra namoro, minha filha, Deus me livre. Os que vivem aqui, a maioria, quando não é drogado, é a mãe que sustenta, então vai viver de quê? Que é que *tu* vai fazer? Vai botar acho que uns três, quatro filhos. Qual o futuro que vai pra esses meninos vivendo num lugar desse aqui? Vão crescer, Ave Maria, Ave Maria, as filhas sendo prostitutas e os filhos sendo vagabundos (Lorena, 5.9.2005).

Na zona do Farol do Mucuripe, como em qualquer lugar do mundo, não é possível pensar os recortes de gênero, de raça e de etnia separadamente. Na zona de prostituição próxima ao Porto, a presença de estrangeiros configura uma espacialidade de fronteira. A cultura local é construída dialogicamente, pelo contato com relatos de marinheiros e de prostitutas viajantes.

Se a pessoa não tem estudo: você pega um cliente bom, você tem um cliente bom, você tem que saber de algum assunto, você, se você não sabe se comportar nos cantos, se você não sabe pegar numa taça, ou num talher, você não vai arrumar cliente bom. Você vai arrumar um bêbado desse aqui, vai fazer programa. Mas se você quer melhorar, se você quer seguir, se você quer arranjar, como você vive da prostituição, vive do seu dinheiro, quer ir mais além, quer alcançar os clientes melhores, você tem que se aprimorar. Tem que ser educada, tem que... saber se comportar nos cantos, falar línguas, ou já entender de jornal, dessas coisas, sempre tem que ser diversificada, né? De certo modo, eu sinto orgulho de mim. Eu sinto porque, com toda a história de vida que eu tenho, ser do jeito que eu sou hoje é uma vitória, né? Eu tenho orgulho.

Morei no Paraná, morei em Santa Catarina, lá em Paranaguá eu aprendi a falar inglês, depois aprendi a falar tagalo, que é a língua filipina, depois aprendi a falar um pouco de grego. E arrasto, assim, algumas outras línguas, eu ainda arrisco algumas palavras. Depois que eu tive ele aí, o meu filho, aí eu voltei pra cá. Aí fui pra Holanda, da Holanda eu conheci Itália, França, Alemanha.

Fui pra Holanda há quatro anos. Todo ano eu vou. Meu namorado, ele é caminhoneiro, então eu viajo, ele viaja pra França, pra Alemanha, pra Áustria, pra Suíça, pra todos os lugares, e eu vou com ele (Yara, 6.8.2005).

Hoje, como muitas mulheres da zona de prostituição do Farol, Yara tem um namorado estrangeiro, que mensalmente manda quantias em dinheiro para ela se manter sem precisar fazer programas. “Mas eu ainda faço. Pra manter meu custo de vida, porque eu gosto de tudo o que é bom, e pra manter meu filho. Eu gasto muito, às vezes o dinheiro que ele manda não dá (Yara, 6.8.2005).

No Angel Bar, Laura, uma ex-prostituta, mostrou fotos suas no prostíbulo, da época em que estava grávida, no começo do casamento com o atual marido. Nas fotos, Laura dançava com marinheiros filipinos. Enquanto mostrava as fotos, ela explicava que, naquele dia, foi ao prostíbulo para rever as amigas e se divertir, com o consentimento do marido, que não impede suas idas ao prostíbulo para não perdê-la. “Mas ele sabe que eu não venho pra fazer programa”, Laura justifica.

De “prefiro viver aqui na zona mesmo” a “eu quero é viver na orgia”, diferentes figuras discursivas falam sobre a zona como alternativa possível à aborrecida moralidade do mundo de fora. Mesmo assim, a zona não é um local de transgressão. Instituído como “cloaca” da cidade, esse espaço concentra e esconde as mulheres pobres que fizeram do meretrício seu meio de vida, fortalecendo a moralidade que separa a mulher da casa e da rua.

Cercado por morros, o bairro Mucuripe, onde fica localizada a zona de meretrício, se configura como espaço ilhado, ao mesmo tempo que culturalmente se assemelha a uma região de fronteira. O sentimento de “fronteira” cultural, social e moral é determinado pela presença constante de estrangeiros e pela prostituição portuária. Entre as prostitutas do Mucuripe, verifica-se o auto-estigma comum às parcelas marginalizadas da população, mas também níveis de segregação para com as prostitutas de outras partes da cidade. É assim que as prostitutas de cabaré, que esperam nas casas, são “prostitutas”, “estão batalhando”, enquanto aquelas que exercem a prostituição na praia próxima ao antigo Farol são classificadas pelas colegas como “putas baratas”, “sem-vergonhas”, “coitadas”.

Em Fortaleza, como em outras cidades, as zonas de meretrício são estranguladas e formadas conforme os esforços de consolidação do espaço urbano disciplinar. A zona de prostituição do Farol do Mucuripe foi formada

na gestão municipal do General Cordeiro Neto (1959-63). O espaço ao redor do Farol, então inabitado, recebeu mulheres que moravam na linha da praia, onde hoje é situada a avenida Beira-Mar. Para a construção da avenida, o governo ofereceu casas a parte da população que perderia o seu lugar. Saneamento, eletrificação e água encanada foram promessas feitas às famílias, a serem cumpridas depois.

Como fronteira social e moral, a zona de meretrício do Farol é lugar de reafirmação de valores tradicionais sobre o certo e o errado:

as linhas de fronteira são fixadas para definir o que são os lugares seguros e os lugares inseguros, para distinguir entre o nós e o eles (...). Uma região fronteiriça é um sítio vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de uma linha de delimitação não natural. Vive num estado constante de transição, e é habitada pelo ilícito e pelo interdito. (Anzaldúa *apud* Friedman, 2002).

Dentro da linha imaginária que delimita a zona portuária de meretrício, os encontros interculturais são menos intermediados e mais diretos. Ambos nômades, a prostituta e o gringo externam o desamparo afetivo de forma mais ou menos semelhante: buscam representações de parceiros, tipos idealizados, enquanto representam, cada um de seu lado, os papéis que julgam que o outro está buscando.

É assim que somente a falta de oportunidades de emprego não é suficiente para explicar a permanência na prostituição. Há, na permanência na prostituição, outras questões além da própria necessidade de sobrevivência econômica. O fascínio diante das possibilidades amplas de consumo é, para algumas mulheres, um dos fatores para permanência na prostituição. “Só trabalhar e não desfrutar do hotel não vale a pena”, disse Stéphanie, em uma conversa informal no Angel Bar. Ao lado dos clientes ou com o dinheiro obtido com os programas, essas mulheres podem conhecer e consumir grandes *griffes* da gastronomia, da moda, além de terem acesso a bens culturais que não conheceriam sem o intermédio dos clientes. Além disso, como fator para a permanência no meretrício, a busca por parceiros considerados mais afetuosos que os homens locais está presente no imaginário das prostitutas que atendem a marinheiros no porto do Mucuripe. Para Dorinha e outras mulheres do Angel Bar, atender a um cliente brasileiro é um sacrifício a ser feito somente em casos de extrema necessidade:

eu faria programa com um brasileiro dependendo da situação que eu tivesse, também, né? Dependia se eu tivesse com dinheiro ou sem dinheiro. Porque um dia aí eu também tava... Eu tava precisando de dinheiro, e eu dizia que eu não saía com brasileiro. Eu fui obrigada a sair com brasileiro, nesse dia, porque eu precisava de dinheiro pra ir no médico, no outro dia. Só o remédio que eu tava tomando, cada caixa era 48 (*reais*) (Dorinha, 1.9.2005).

Já o homem filipino é descrito como “todo atencioso”. “Eles gostam da gente... Brincam muito. São muito legais” (Dorinha, 1.9.2005).

Os filipinos poderiam parecer muito exóticos há 40 anos, quando a zona de prostituição começou a se instalar no Farol do Mucuripe. Hoje, processos de globalização pontuaram de semelhanças o imaginário das prostitutas locais e dos clientes estrangeiros. Hoje, eles e elas assistem a praticamente os mesmos programas na TV: novelas brasileiras, o *reality show* Big Brother, telejornais de estética padronizada. A música que ouvem é semelhante. É notável a semelhança de estilo das músicas que, no Brasil, chamamos de rock/pop nacional e aquelas do rock/pop filipino, conhecido como *Original Pinoy Music* (O.P.M.). O relacionamento entre eles já se assenta, hoje, sobre uma base cultural comum, reflexo de tendências globalizantes. Para Luhmann, os significados estão se uniformizando em diferentes partes do mundo: “em todos os lugares, eletricidade vale como eletricidade, dinheiro como dinheiro, homem como homem (...). Em todos esses planos pode-se registrar um rápido crescimento de coerências em escala mundial” (Luhmann *apud* Ianni, 1996: p. 202). Se essa coerência homogeneizante é perceptível para alguns significados, a explicação simplista não é válida para entender os processos globalizantes. O confronto de diferentes culturas gera, em vez de uniformização do mundo, estranhamentos e reconfigurações.

## Resistência e silenciamento

Enquanto algumas mulheres dizem encontrar satisfação no cotidiano do cabaré, outras, como Dorinha, sentem a prostituição como um martírio. “Eu não sei, eu acho essa vida daqui é tão amaldiçoada, uma coisa tão triste... que eu sinto vontade de voltar pra casa, mas não tenho mais coragem” (Dorinha, 1.9.2005).

A indignação contra o preconceito sofrido pela prostituta de baixo meretrício, entretanto, estava presente no discurso de todas as entrevistadas. Entre as trabalhadoras do Angel Bar, contudo, a consciência da situação de

exploração econômica e dos casos de violência sexual não assume a forma de reivindicações direcionadas.

Tornou-se clássica a frase de Foucault segundo a qual “lá onde há poder, há resistência”. Nessa monografia, a frase referida inspirou a análise da dinâmica dos micropoderes exercidos no prostíbulo, mas merece ser interpretada com cuidado, a partir da compreensão do que seria resistência. Nem toda manifestação da especificidade de um grupamento social deve ser entendida como resistência. Diferença não é sinônimo de resistência, e fazer coincidir os dois conceitos é atitude teórica reveladora de compreensão das classes sociais como realidades estanques, em vez de processos dialéticos (Cardoso, 1997: p. 97). A consciência pessoal de uma situação de exploração não é necessariamente evidência de uma consciência de classe. Essa última implica a compreensão de que as situações de injustiça não são estanques, mas passam por atualizações frequentes, sem o que não seriam tão intermitentes. Essas mudanças se dão em níveis macroeconômicos, mas também são retroalimentadas por costumes, ações e crenças que compõem a memória coletiva. É assim que a noção de destino trágico infalível, presente nas histórias sobre prostitutas, reforça situações de dependência econômica, pois torna inquestionável a necessidade de buscar em um casamento a via de “libertação”. Essa não é, propriamente, uma estratégia de resistência, mas de sobrevivência: é uma corrida contra o tempo, porque depois dos quarenta anos o aluguel do corpo não será mais tão rentável. No discurso de Yara, o casamento com um estrangeiro é um projeto que vai permitir autonomia financeira e a construção de uma nova identidade – longe da zona, ela vai poder criar o filho sem que ele saiba que a mãe foi prostituta.

A falta de perspectivas econômicas e a violência psicológica a que são submetidas leva algumas das prostitutas entrevistadas a buscarem a saída em sonhos redentores – amor, casamento, viagem ao exterior – enquanto, diariamente, adotam comportamentos de alto risco.

Esta pesquisa utilizou uma compreensão complexa da prostituição, definida por Lins como um “mercado material e simbólico de corpos, afetos e subjetividades” (Sousa, 1998), para além do aluguel do corpo que caracteriza essa atividade. Compreender a prostituição como mero aluguel do corpo é silenciar as afetividades das mulheres prostituídas.

Freqüentemente, os trabalhos sobre prostituição servem à produção de novas teorias sobre o sexo e a mulher. Essa proliferação discursiva, entretanto, não se dá como libertação, mas pode contribuir para a naturalização e o silenciamento de sofrimentos socialmente construídos.

Para Foucault, a produção de saberes sobre sexo não foi, ao longo da História ocidental, o sinal de uma nova consciência, mas consequência do fato de que as interdições geram poder para algumas instâncias reguladoras da sociedade, e essa dinâmica precisa dos discursos sobre o sexo para funcionar (Foucault, 1988: p. 26).

Ao passo que os discursos sobre o sexo proliferam, o sofrimento social é silenciado. Estimulando a produção de discursos sobre o sexo, nossa sociedade desenvolveu proibições, rótulos sociais e estratégias de controle. Os interditos produzidos por esse processo são socialmente compartilhados, se inscrevendo no interior das subjetividades e validando situações de dominação e opressão. Em um processo inverso, sofrimentos relacionados à posição social, como vergonha e humilhação, também ficam gravados nas subjetividades, mas não são compartilhados socialmente. O silenciamento dessas dores segue uma lógica que deprecia os códigos culturais de classes dominadas, desqualifica as experiências vividas e desvaloriza as histórias de vida (Carreteiro, 2003).

Para Sawaia (apud Carreteiro, 2003), as formas subjetivas do sofrimento humano devem ser consideradas para a análise da injustiça nas sociedades desiguais. A autora trabalha com o conceito de “sofrimento ético-político”, experimentado pelas classes subalternas em decorrência das injustiças sociais (op. cit: p. 60). Para Carreteiro, as pessoas excluídas “se sentem desvalorizadas e diminuídas e, raramente, compartilham tais sentimentos”, seja por uma auto-censura ou porque a sociedade não oferece suportes para a expressão do sofrimento pessoal (loc. cit).

Além de produzir sujeitos dóceis, a sociedade disciplinar (Foucault, 1987) faz com que as pessoas excluídas marquem a si mesmas com rótulos depreciativos. Desse modo, as possibilidades de mobilização permanecem ignoradas ou são cortadas antes que possam crescer.

Para Sawaia, as pessoas estão negando sua capacidade de interagir afetivamente. Enquanto que para os movimentos sociais uma problematização da temática das afetividades não parece estratégica, Sawaia propõe justamente a importância dos afetos para a promoção de mudanças sociais.

Segundo a autora, a negação da afetividade nas relações cotidianas é preocupante porque está diminuindo o valor relacional do indivíduo, “a capacidade de afetar e ser afetado”, da qual depende o aumento ou diminuição da capacidade de agir.

O esquecimento da dimensão afetiva e o silenciamento dos sofrimentos pessoais servem à manutenção da situação de injustiça social vivida pelas

prostitutas da zona. Nas histórias pessoais, esse esquecimento agrava a sensação de desamparo.

A prostituta vive uma sexualidade insubmissa inscrita nos circuitos do lucro. Apaixonar-se não só compromete sua “produtividade”, mas pode chegar a cessar os rendimentos:

se tu tá apaixonada ou tá gostando de alguém, se tu vai pra zona, vai trabalhar, tu não consegue. Tu não consegue. Ou tu se embreaga, ou, sei lá, eu, pelo menos, eu fico sem... Eu não tenho como trabalhar. Não vou mentir. Agora, você tenta. Você tenta, que todo mundo... tem... não tem? Tem muita mulher casada, porra, que vive com um homem, às vezes por obrigação por causa dos filhos, às vezes porque tem medo de viver sozinha, não tem coragem de enfrentar a vida sozinha: isso acontece. Então, fazer o quê? Eu acho que seja quase igual. Não é igual porque não tá... não tá, como se diz, sendo prostituta, não é? (Lorena, 5.9.2005).

Lorena aponta uma situação descrita por Barthes: o amor-paixão não é sistemático, e por isso a pessoa apaixonada não tem um lugar no mundo. É com inveja e ao mesmo tempo com zombaria que a pessoa apaixonada encara aqueles que estão “enquadrados”, que têm um status moral respeitável. Estar em uma situação estável e afetivamente feliz seria, para Lorena, o destino ideal.

Sentir a ausência do parceiro é um sofrimento bem conhecido pelas mulheres da zona de prostituição portuária. Apaixonar-se é perigoso porque o objeto da afeição estará sempre partindo, e não se pode prever quando. Dorinha relata que se apaixonou por um marinheiro filipino. Depois de declarado o sentimento, ela passou a acompanhá-lo, viajando em navios: “ele me ofereceu dinheiro, não muito, pra acompanhar ele, pra ir ganhar mais dinheiro... só que eu tava gostando dele. Aí, quando foi no Rio, ele desembarcou. Foi pras Filipinas. Foi embora. Não vi mais ele. Desde esse tempo” (Dorinha, 1.9.2005).

As mulheres que moravam no Mucuripe no começo do século XX já estavam habituadas a esperar seus homens: pescadores, que podiam ser levados pelo mar a qualquer momento. Para as mulheres que hoje se prostituem no Cais, que vivem sob outros padrões de feminilidade, esperar o ausente significa fragilizar-se, quando é necessário sobreviver. O sofrimento é, então, camuflado. Dorinha e Lorena não deixam, entretanto de estar fragilizadas. Como prostitutas apaixonadas, estão duplamente “disponíveis”: esperam por clientes

que não ficaram de vir e pelo homem amado que não pára em lugar nenhum. A “disponibilidade” é experimentada como rejeição e abandono<sup>3</sup>.

A prostituta apaixonada é tida, na zona, como uma figura ridícula, débil. Deve suportar em silêncio a ausência de quem pode não mais voltar. Como descreveu Barthes (2003), a fala do sujeito tomado de amores é relegada. A sociedade a suporta apenas momentaneamente, com a condição de que o amor frustrado seja digerido e devolvido para o mundo sob a forma de uma *história de amor*.

### **Considerações finais**

Entre as prostitutas, o discurso sobre si mesmas e a atividade que exercem adere a valores tradicionais. Os sofrimentos relacionados ao trabalho, à pobreza e ao envolvimento afetivo com clientes são silenciados, em um processo que reflete vergonha de si, em vez de indignação contra as desigualdades de gênero e classe social que as oprimem. O sentimento oposto, orgulho da própria história de vida, tende a se instalar sobre conquistas individuais, relacionadas ao amadurecimento pessoal e ao padrão de consumo experimentado.

### **Referências Bibliográficas**

ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituta de baixo meretrício*. Fortaleza: UFC, 1983.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *O grão da voz*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: DURHAM, Eunice R. et al. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *A antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 15.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Graal, 1988.

---

<sup>3</sup> Cf. BARTHES, 2003: p. 35.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIRÃO, Blanchard. *Mucuripe: de Pinzón ao Padre Nilson*. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1998.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SOUSA, Francisca Ilnar de. *Experiências masculinas e femininas nos territórios da sexualidade: permanências e mudanças*. 2004. 354f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-São Paulo. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. *O cliente: o outro lado da prostituição*. 2.<sup>a</sup> ed. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto; São Paulo: Annablume, 1998.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

\_\_\_\_\_. *Tradição e esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997.

### **Material disponível na Internet:**

CARRETEIRO, Teresa Cristina. Social suffering in debate. *Revista Psicologia USP*, 2003, vol.14, no.3, p.57-72. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a06.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2006.

FRIEDMAN, Susan Stantford. O “falar da fronteira”, o hibridismo e a performatividade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. V. 61 (2001). Disponível em: <http://eurozine.com/pdf/2002-06-10-friedman-pt.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2005.